

ABORDAGEM DA HISTÓRIA DA ARTE NOS DIFERENTES SEGMENTOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO COLÉGIO PEDRO II

Erika Njaime – ekanjaime_cpil@yahoo.com.br, Colégio Pedro II,
Coordenadora Pedagógica

Shannon Botelho – botelho.shannon@gmail.com, Colégio Pedro II, Coordenador Pedagógico

Vera Rodrigues – verarodrigues.artes.cp2@gmail.com, Colégio Pedro II, Coordenadora
Pedagógica

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho é apresentar como o ensino da História da Arte é abordado em diferentes segmentos da educação básica - educação infantil e ensinos fundamental I e II - no Colégio Pedro II, o que significa um importante pilar no desenvolvimento das práticas dos professores de artes visuais.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de arte; História da Arte; educação infantil; ensino fundamental

ABSTRACT

The goal of this paper is to present how art history teaching is approached in different segments of basic education - kindergarten and elementary school I and II - at Colégio Pedro II, which means an important pillar in the development of teachers' practices visual arts.

KEYWORDS

Art education; Art History; Kindergarten; Elementary School

INTRODUÇÃO

A História da Arte fornece subsídios que contemplam tanto as transformações da humanidade quanto as de suas produções artísticas, o que pode tornar mais dinâmico o trabalho do professor em mostrar para seus alunos como as relações entre arte e sociedades são estabelecidas. Com uma carga de ideologias, razões ou emoções, a arte

permite transgredir fronteiras existentes entre os vários campos do conhecimento e, com isso, criar sentido no seu ensino dentro do cotidiano escolar e para seus alunos.

O Colégio Pedro II é uma referência em educação pública na história da cidade do Rio de Janeiro. O ensino da arte, nessa escola de longa tradição, foi construído gradativamente, e passou por inúmeras reconfigurações ao longo dos anos porque acompanhou as abordagens e metodologias que formam a história do ensino de arte no Brasil.

O ensino de arte no Colégio Pedro II privilegia o protagonismo de professores e, sobretudo, dos alunos no momento em que as aulas de arte passam a ser entendidas como aulas para um fazer acompanhado de reflexões e sentidos, permeadas por percurso histórico que se desenvolve para além de uma linha temporal, mas por uma abordagem conteudística.

EDUCAÇÃO INFANTIL

Criada em 2012, a unidade de Educação Infantil do Colégio Pedro II atende crianças entre 3 e 5 anos, separadas por grupamentos. A característica dessa unidade é a bidocência, se comparada aos demais segmentos do colégio. Sua proposta pedagógica pressupõe uma ação integrada entre linguagens, interesses e práticas que partem da escuta atenta da criança para serem desenvolvidas pelas turmas. Para tanto, o trabalho é pautado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), nas quais “as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular (...) devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira” (BRASIL, 2010, p.25).

De acordo com as diretrizes (BRASIL, 2010), um currículo para a Educação Infantil seria um

conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade”. (p.12)

Sendo assim, em consonância com a DCNEI e a proposta pedagógica, as Artes Visuais, como as demais linguagens especializadas, não possuem um conteúdo pré-definido de trabalho. O conteúdo parte dos questionamentos das crianças e de situações que surgem ao longo dos processos. Nesse sentido, temos uma escola aberta na qual cada turma segue seu próprio percurso e escolhe seus próprios caminhos.

Dentro dessa perspectiva, como trabalhar o ensino da arte em um contexto no qual é impossível dissociar as linguagens artísticas das ações pedagógicas cotidianas propostas na Educação Infantil que utilizam elementos e materiais próprios do campo da Arte, sem se tornar um mero assistente de atelier?

Vale ressaltar que, embora não se tenha um conteúdo específico para o trabalho com esta faixa etária, temos conceitos transversais e elementos da Arte que podem e devem ser apresentados às crianças e desenvolvidos dentro das propostas integradas de trabalho com as turmas. Desse modo, colocamos a linguagem artística como protagonista das ações, ao mesmo tempo que destacamos a “unidade” que é o conhecimento e reforçamos a inter-relação entre a arte e a vida, bem exemplificada nas palavras de Dewey (2010):

as qualidades sensoriais, tanto do tato e do paladar quanto da visão e da audição, têm uma qualidade estética. Mas não a têm isoladamente, e sim em suas ligações; em sua integração, e não como entidades simples e separadas. Essas ligações tampouco se restringem a sua própria espécie, cores com cores, sons com sons. (p.237)

Um dos conceitos transversais que podem e devem ser explorados com as crianças, já na primeira infância, é a História da Arte. Esse conceito integra a engrenagem que dá vida ao processo ver-fazer-conhecer, proposta na abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, arte educadora referência no ensino da arte. Segundo seu estudo (BARBOSA, 2009), a prática não pode estar dissociada da contextualização e da apreciação da Arte. Nesse contexto, a partir das interações e da brincadeira, é que “estudamos” a História da Arte na Educação Infantil.

Mas como abordar um tema que soa ser tão disciplinar com a primeira infância? A palavra história para as crianças já possui um enfoque lúdico. Histórias são para serem contadas e tem um “quê” atemporal, pode ser algo que já passou ou que esteja acontecendo ou que irá (ou não) acontecer. Ela é viva, assim como o são a História e a Arte. É pelo caráter lúdico e atemporal de uma obra de arte que podemos envolvê-la em qualquer proposta ou experimento e, assim, apresentar à criança as dimensões artística, social e cultural que estão envolvidas no processo do fazer artístico. Como fala Dewey (2010), “o que a criatura viva preserva do passado e espera do futuro funciona como orientações no presente.” (p.83)

A Arte é um meio pelo qual a criança se expressa, experimenta, conhece e apreende o mundo. Com isso, transformamos seus campos de experimentação em condições para a criação plástica. Para envolver as crianças e contextualizar a prática criativa, o primeiro passo é apresentar uma obra, ou seja, imagens, muitas imagens: imagens de hoje, de ontem, de artistas conhecidos ou não e delas mesmas. A leitura de imagens é a etapa inicial para o processo de descoberta da Arte e para a introdução do contexto histórico. O segundo passo, que deve ser seguido pelo professor, é aprender a ouvir, estar atento. Não julgar. Deixar que as histórias se criem e se confundam. O papel do professor, ao longo do processo, é mediar, dar um caminho. O terceiro passo é apresentar livros de arte. Esse é um momento de pesquisa, de enriquecimento de vocabulários e de ampliação do conhecimento. Acompanhar esses momentos de leitura é extremamente enriquecedor. Observar os olhares de maravilhamento, de espanto e de dúvida faz com que compreendamos como tudo é acompanhado e percebido pelas crianças. O quarto e último passo é transpor todo esse conhecimento para a prática. Viver a Arte de uma maneira plena e não apenas se utilizar da técnica e das linguagens como meros fazedores autômatos.

FUNDAMENTAL I

O conteúdo programático para o ensino Fundamental I do Colégio Pedro II é organizado por eixos temáticos. E a História da Arte perpassa esse eixos de modo atemporal, com ênfase nos eventos que a constituem.

A organização do espaço da sala de artes imprime uma ideia de liberdade não experimentada em uma sala organizada dentro dos moldes tradicionais. A organização do espaço é preparada para facilitar a discussão sobre os temas trazidos pelos professores e pelos próprios alunos e, quando necessário, para o trabalho coletivo. Dentro desse ambiente, a história da arte estimula o desejo de se falar sobre o que se faz, o que se vê e o que se acredita ser o melhor diante da proposta de atividade apresentada. As crianças avaliam o que produzem baseadas no que é proposto pelos componentes históricos dados a elas por meio de imagens, principalmente. Tais imagens contribuem para as crianças terem um senso seletivo do que é uma imagem artística ou não, baseadas em critérios não só estéticos. Segundo Aumont (1993):

Seja como for, essa função da imagem [estética] é hoje indissociável, ou quase, da noção de arte, a ponto de se confundirem as duas, e a ponto de uma imagem que visa obter um efeito estético poder se passar por imagem artística... (p.80)

Como a História da Arte é apresentada em eventos, isso permite o ir e vir dentro de uma trajetória que acaba se mostrando como um percurso mais próximo das histórias dos alunos. As crianças possuem uma noção de tempo curta, o que torna incompreensível grandes espaços temporais. Falar apenas que aconteceu "há muito tempo atrás" é bem melhor do que enumerar os séculos.

As imagens artísticas provocam reflexões acerca de como, um dia, foram possíveis de acontecer e a razão de terem acontecido da mesma forma em que hoje estamos produzindo as nossas. Além de ser mostrado que também estamos construindo essa história que não se permite terminar. Canclini (2008) analisa as ressignificações que os trabalhos artísticos adquirem ao longo de sua história, e é o que ocorre quando as crianças tomam contato com tais trabalhos:

Nas artes plásticas, os historiadores que analisam “a fortuna crítica”, ou seja, as reelaborações experimentadas por uma obra ou por um estilo, também veem a arte “como uma relação: a relação entre um objeto e todos os olhares que tenham sido lançados sobre ele na história” e que o tenham “transformado incessantemente”. (p.151)

A História da Arte também expõe como o desenvolvimento tecnológico afeta a produção artística. As crianças percebem como os modos de produção se alteram de acordo com as mudanças vividas pelas sociedades e como o artista experimenta as novas tecnologias.

Dentro de uma proposta de educação para arte que envolva os três pilares citados por Ana Mae Barbosa (2009), principalmente o da reflexão sobre o fazer, quanto mais diversificado for o repertório imagético da criança, suas percepções estéticas se tornam mais amplas e ela se sente mais segura nas avaliações de seus trabalhos, de seus colegas e dos artistas apresentados a ela. A história da arte nos fornece imagens que mostram que as resistências culturais fazem parte de um mundo conectado onde as diferenças fazem dele um local de vivências plenas em diversos contextos culturais. É por essa abordagem que as linguagens visuais dialogarão com a cultura visual onde a criança se insere, sobretudo a arte contemporânea que fala diretamente sobre aquilo que é vivenciado por elas, seja nos equipamentos tecnológicos, incluindo os vídeos games, ou na efemeridade das relações aportadas pelas redes sociais ou na superficialidade dos diálogos com seus grupos.

A história mostra nossas bases contextuais que acabam sendo trabalhadas em sala de aula. Ela serve como ponte na mediação entre professor e aluno, além de reforçar o papel de provocador no professor de artes. No espaço da sala de aula, a questão estética, entre outras, é tratada de modo relativizado dentro de seu percurso histórico, mostrando às crianças que a produção artística nos leva a refletir sobre nosso tempo e nos modos em que estamos produzindo. O professor mostra a seus alunos que o "não saber desenhar" é relativo porque o que vale é a intenção do desenho, sem juízos de valor, muito menos o certo ou errado.

FUNDAMENTAL II

Tendo em vista a realidade pedagógica do Colégio Pedro II, o ensino da arte, durante o segundo segmento do Ensino Fundamental, confunde-se com o ensino da História da Arte. O desafio que desponta para nós, enquanto educadores, não reside simplesmente no ato pedagógico, mas alcança níveis mais profundos no processo de ensino e aprendizagem.

Algumas das questões fundamentais que enfrentamos são: como tornar o ensino das Artes Visuais e sua prática, sob a luz da História da Arte, uma atividade agradável e proveitosa para os alunos sem tornar-se um enfadonho discurso a respeito de culturas distantes geográfica e temporalmente? Além disso, como despertar no aluno, um interesse pelos elementos visuais derivados da História da Arte que permanecem em seu dia-a-dia? Como não permitir que o comodismo da transmissão de conteúdo se sobreponha à prática e à reflexão a respeito da Arte e seus entremeios?

Certamente há caminhos sendo descobertos por colegas que há algum tempo vêm tentando encontrar uma maneira de cumprir o programa do segundo segmento do Ensino Fundamental sem deixar de proporcionar aos seus alunos a experiência prática da Arte. Existem aspectos físicos da própria escola que dificultam o trabalho, mas há também, antes de tudo, uma real dificuldade em aceitar que é preciso realizar um trabalho de ensino da arte em uma via que integre não somente a prática e o conhecimento histórico, mas também a contextualização, reflexão e ampliação da capacidade produtiva de cada aluno, uma vez que o resultado de toda produção "seria se inscrever na história através de escolhas plásticas". (Bourriaud, 2009, p.31)

Como uma proposta experimental, temos tentado trabalhar o entrecruzamento dos conteúdos da História da Arte e as novas tecnologias, experiência sensorial e atividades artístico-culturais. Essa proposta de trabalho se deu pelas necessidades que enfrentamos

ao nos depararmos com o desinteresse apresentado pelos alunos em se aproximar de determinados momentos da História da Arte. Na atual situação, onde a tecnologia impõe novos modos de visualidade e atenção, a projeção de uma única imagem não satisfaz a uma gama de adolescentes que recebem hiperestímulo dos meios de comunicação e tecnologias.

Os reflexos da pós-modernidade na arte, com a valorização da história, a utilização deliberada do patrimônio cultural como subsídio da produção artística e a apropriação assumida de imagens pelos artistas também reforçaram a necessidade de uma revisão da filosofia do ensino da arte. (OSINSKI, 2001, p.103)

Ao considerar esses aspectos, temos proposto novos meios de visualização da imagem e novos meios de construir sentido para aquilo que se vê em sala de aula. As relações de cores que se podem encontrar nas obras dos pintores impressionistas passam a ocupar a atmosfera da sala de artes ao se colar papel celofane nos vidros e perceber que a mistura das cores complementares criam áreas luminosas no espaço real, assim como nas obras de Monet e Renoir, ou ainda a relação da pintura de Georgina de Albuquerque e Visconti com a técnica impressionista.

Em uma experiência fotográfica de recriar “Os Profetas” de Antônio Francisco Lisboa, trabalhamos a dramaticidade barroca, a iluminação, a crise da representação clássica e, em paralelo, pudemos estabelecer uma relação possível entre o ato de “vestir-se como profeta” e a performance como meio de expressão, como forma outra de Arte. Como aponta Cauquelin (2008), “se uma parte da linguagem é corporal [...] finita, limitada e definida, a parte da linguagem que é incorporeal, aquela que me interessa, é ilimitada, infinita, sem orientação, sem atração particular, indiferente” (p.17). Não basta somente apresentar as narrativas teleológicas da arte, mas ressignificá-las no processo de aprendizagem, no processo de apropriar-se da obra para que, após ela, exista outra reflexão a respeito da vida fora dos muros da escola.

A proposta triangular feita por Ana Mae (2009), em que produção, reflexão e contextualização se dão na mesma medida e em qualquer ordem de acesso, só se torna possível após um esforço de transformar o processo real. Nesse sentido, buscamos em nossa prática criar espaços propícios para o desenvolvimento de uma atividade produtiva em seus amplos aspectos. Em nossa realidade, onde o conteúdo se afirma sobre o processo de descoberta, a proposta triangular só deixa o plano da utopia quando passa a vigorar uma aproximação anterior, um reconhecimento do terreno e um desabrochar de

ideias e desejos. Certamente, de forma reduzida, esse processo poderia ser encaixado em qualquer uma das faces da proposta de Ana Mae, mas, ainda assim, o desenvolvimento de qualquer atividade e prática ficaria claudicante, como já experimentamos.

Arte e Cultura e Histórias se integram nesse procedimento experimental que temos proposto. É preciso que o aluno se conecte com o mundo com seus próprios meios e que ele, após a experiência artística, consiga enxergar seu lugar, seu bairro com outros olhos e, lá, possa estabelecer suas próprias relações. Portanto, nosso trabalho, enquanto educadores dentro do Colégio Pedro II, tem tentado alavancar situações e condições de oferecer aos alunos novas abordagens e meios de acesso ao conteúdo que lhe será oferecido. O trabalho, que vem desde a Educação Infantil com a familiarização e descoberta e que se alarga no primeiro segmento quando a prática incorpora e significa o discurso, é movediço, porém, fiel a sua proposta de alcançar o aluno e fazer com que ele mergulhe nas informações e saiba avançar com elas.

CONCLUSÃO

Não existem formas na natureza, no estado selvagem, porque é nosso olhar que as cria, recortando-as na espessura do visível. As formas *desenvolvem-se* (grifo do autor) umas a partir das outras. O que ontem seria considerado informal ou “informal” já não o é mais. Quando a discussão estética evolui, o estatuto da forma evolui com ela e através dela. (BOURRIAUD, 2009, p. 30)

Ir além das palavras e da reflexão também se constitui como desafio e, acima de tudo, criar uma linguagem unificada dentro da instituição para que nossos discursos e prática possam conduzir ao mesmo lugar. Se nos diferentes níveis da educação básica o trabalho realizado pelos professores for coeso, lá na curva da estrada quando nossos olhos não puderem alcançar o aluno, os frutos poderão ser colhidos. Consciência crítica e valorização da expressão cultural e artística são os valores que ao longo dos anos pressupomos trabalhar com esses alunos. Os frutos são ouvidos e vistos quando, fora da vida escolar, já na idade adulta, os alunos (que um dia passaram por nossas mãos ou de colegas) nos enviam notícias de como a experiência e a aproximação com a Arte lhes foram importantes.

Formar um aluno com consciência e visão críticas não pode passar como utopia para nós. O espírito de formação se fortalece quando seus agentes se dispõem a querer também aprender com os conhecimentos de todos os que estão envolvidos no processo. Lembrando

as palavras de Freire (2001) em uma carta aos professores, “estudar é desocultar, é ganhar a *compreensão* (grifo do autor) mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventura, sem o que não cria nem recria” (p. 264).

O professor mediador, provocador, coloca-se em sua própria arena quando se arrisca nos seus planejamentos de aula, na construção de sua formação permanente e na sua individualizada concepção de Arte. Ao se expor para seus alunos, põe em cheque suas argumentações e seus desejos sobre possuir uma posição na construção de conhecimento de cada um que passa pelas suas aulas. A Arte e sua História mostram que as coisas nem sempre são simples de serem alcançadas. Entretanto, mostra também que sempre vale a pena o risco porque quem se arriscou conseguiu chegar a seu objetivo, independente de ainda estar presente ou não na vida, mas eternizado na memória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUMONT, Jacques. *A Imagem*. Campinas. São Paulo: Papirus, 1993.
- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- _____. *Arte-Educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. (org.). *Arte/Educação Contemporânea: Consonâncias Internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BRASIL. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília: MEC, 2010.
- BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. São Paulo: Martins, 2009.
- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- CAUQUELIN, Anne. *Frequentar os incorporais: contribuição de uma teoria da arte contemporânea*. São Paulo: Martins, 2008.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. *Estudos Avançados.*; vol.15; nº 42; 2001; p. 259-268. On-line. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2015.
- OSINSKI, Dulce Regina Baggio. *Arte, História e Ensino: uma trajetória*. São Paulo: Cortez, 2001.